

CICLOPE

PERSONAGENS

SILENO
CORO DE SÁTIROS
ULISSES
CICLOPE

ARGUMENTO

Depois de ter deixado Ílion, Ulisses foi lançado para a Sicília, onde vivia Polifemo. Ao descobrir que os Sátiros eram seus servos, pretendia obter deles ovelhas e leite, em troca de vinho. Mas Polifemo aparece e procura saber o motivo por que levavam os seus bens. Sileno responde que apanhou o forasteiro a roubar...

SILENO (*olhando de frente para o público, provavelmente com os olhos postos na imagem de Dioniso, protesta contra o deus*¹)

Ó Brómio, por tua causa tenho suportado inúmeras penas, hoje e nos meus velhos tempos — quando ainda tinha força nas canetas! Primeiro, quando, enlouquecido por Hera, partiste das montanhas, abandonando os cuidados das Ninfas; | depois,⁵ por ocasião da luta dos Gigantes, pus-me à tua direita² e, de escudo em punho, matei Encélado, atingindo-lhe com a lança o meio do escudo de vime. Ora, vejamos: esse episódio, será que não passou de um sonho? Claro que não! Pois se eu até ofereci os despojos a Baco!³ |

¹ Dioniso, sob a forma de estátua e através do seu sacerdote, assistia aos concursos de teatro realizados em sua homenagem na cidade de Atenas. Enquanto este tinha um lugar de honra entre a assistência, sentando-se na primeira fila das bancadas, aquela estaria depositada sobre o altar consagrado ao deus, situado no centro da orquestra.

² Sendo a ala direita a posição mais prestigiada da organização das falanges de guerreiros, Sileno usa essa referência para enfatizar a sua importância em campo de batalha.

³ Brómio e Baco são dois nomes habitualmente usados para designar o deus Dioniso. Fruto de uma das muitas relações amorosas extramatrimoniais de Zeus, Baco sofre, desde a gestação, as retaliações da legítima esposa de seu pai, Hera. A paixão daquele por uma mortal, Sêmele, princesa de Tebas, desperta o ciúme da deusa, que se vinga de forma terrível da rival. Disfarçada de velha, convence a jovem a pedir ao amante misterioso que se lhe mostre em todo o seu esplendor. Perante a recusa de Sêmele em continuar a amar Zeus, caso este não aceda ao seu pedido, o Olímpico aparece-lhe sob a forma de trovão e relâmpago, fulminando-a de imediato. O feto de seis meses é introduzido na coxa do progenitor, onde termina o tempo de gestação. Desta peripécia lhe advém

10 Mas agora sofro de um mal bem maior do que esses. De
facto, quando Hera indispôs contra ti a raça dos piratas tirre-
nos — fazendo com que fosses levado para longe — eu cá, mal
soube, fiz-me ao mar com os meus filhos e parti à tua procura.
15 No alto da poupa, | era eu em pessoa que guiava o leme, mas,
sentados aos remos, eram os meus filhos quem, graças à força
dos seus braços, tornavam branco de espuma o mar brilhante
e promoviam a tua busca, Senhor. Porém, estávamos nós já per-
to do estreito de Málea ⁴, quando o vento de leste soprou con-
tra o barco | e nos empurrou na direcção do monte Etna, onde
20 os filhos do deus do mar, uns fulanos de um só olho, os
Ciclopes homicidas, vivem em grutas isoladas.

Capturados por um desses tipos, somos seus escravos
25 particulares ⁵. Chamam ao senhor a quem servimos | Polifemo.
Em vez de celebrarmos os gritos báquicos de Evoé, apascenta-
mos os rebanhos de um Ciclope sacrílego. Enquanto os meus

o nome de Dioniso, ou seja, aquele que «nasceu duas vezes» (Apolodoro, 3. 4. 3; Apolónio de Rodes, 4. 1137). A perseguição de Hera irá traduzir-se numa série de atentados contra a vida do filho de Zeus. O texto de Eurípidés alude a dois deles: a loucura que o leva a abandonar a protecção das Ninfas e a vaguear pelo mundo, acompanhado pelo seu tutor, Sileno, bem como pelos Sátiros e as Ménades; a tentativa fracassada de ser vendido como escravo pelos nautas que o levavam até Naxos. O ensandecimento, porque traz associado a si a incapacidade de o sujeito (Dioniso) zelar devidamente pela sua segurança, poderia proporcionar a sua perdição. No presente passo do texto euripídiano, o relato das façanhas de Sileno ao serviço de Baco faz referência à gigantomaquia, isto é, à batalha travada contra os Titãs, para restituição do trono ao rei do Egipto, Amon (Apolodoro, 3. 5. 1; Diodoro Sículo, 3. 70-71). Do ponto de vista do drama em apreço, note-se o efeito cómico resultante da transferência da realização do feito de abater o mais poderoso dos Gigantes, Encélado, para o sátiro Sileno. Este aspecto, como outros do mito, apresenta diversas versões, visto que o vencedor do Gigante ora vem identificado com Atena (Eurípidés, *Hércules Furioso* 908, *Íon* 209) ora com Zeus (Aristófanes, *Rãs* 284).

⁴ Situado entre os golfos Sarónico e Argólico, constituía uma passagem perigosa para os mareantes.

⁵ Na Atenas clássica havia duas categorias jurídicas de escravos, os particulares e os públicos, pertença, como os próprios nomes indicam, de cidadãos, no primeiro caso, e do próprio estado, no segundo.

filhos, porque são jovens, conduzem aos pastos, nos cumes das colinas, as tenras ovelhas, eu fico na gruta, incumbido das seguintes tarefas: encher os bebedouros, | limpar a casa e servir 30 as sacrílegas refeições a esse Ciclope maldito. Neste momento tenho de varrer o chão com este ancinho de ferro — pois são as ordens que tenho — | devo receber o meu senhor, o Ciclope 35 (por ora ausente) e o gado, em grutas asseadas.

(*Virando-se para a esquerda* ⁶.)

Já vislumbro os meus filhos a aproximarem-se com os rebanhos. Mas o que é isto? (*Dirigindo-se aos Sátiros, seus filhos.*) Parece uma barulheira semelhante à das danças frenéticas que, durante o cortejo com que acompanharam Baco a casa de Al-
teia ⁷, | vocês executavam ao som de cânticos e da música do 40 bárbiton ⁸. Será?

CORO DE SÁTIROS (*acompanhado do rebanho, entra em cena, ao som da música interpretada pelo flautista que o precede*)

Estrofe

(*Dirigindo-se a um carneiro que se afasta do rebanho.*) Ó filho de pais e de mães de pura raça, que monte buscas tu? Não sopra aqui uma brisa ligeira? | Não são verdejantes as pasta- 45 gens? E as águas agitadas nos rios não repousam nos bebedouros, junto às grutas? Não ouves os vagidos dos cordeiros?

⁶ Uma das convenções cénicas do teatro grego antigo tinha a ver com a identificação das duas entradas laterais do recinto. Uma vez que o público do teatro de Dioniso em Atenas, quando sentado, tinha à sua direita o porto e o centro urbano e à esquerda o campo, estabeleceu-se que, independentemente do local de representação do espectáculo, essas coordenadas denunciavam a proveniência de cada nova personagem.

⁷ Dioniso apaixonou-se por Alteia, esposa de Euneu, rei de Cálidon, que, ao saber desse sentimento, a empresta ao deus (Apolodoro, 1. 8. 1 e 2. 7. 5; Diodoro Sículo, 4. 34). Dessa união nasceu Dejanira, futura mulher do herói Hércules.

⁸ O bárbiton era um instrumento musical de cordas, mais compridas do que as da lira ou as da cítara, com que se assemelha.

Interlúdio

50 — Psst! Não estás bem aqui? Aqui, nesta colina, | não tens
pasto tenro? Æh lá! Levas-me já com uma pedrada! Xô, xô, cor-
nudo, toca a andar prò estábulo do pastor selvagem, do Ciclope. |

Antístrofe

55 (*Dirigindo-se a uma ovelha, continua.*) Os peitos túmidos de
leite, tem-nos prestes! Oferece-os às crias que deixaste nos cur-
rais. Reclamam por ti os vagidos, de dia dormentes, dos pe-
60 quenos recém-nascidos. | Quando é que deixas os verdejantes
| os das montanhas do Etna e voltas ao redil?

Epodo

Aqui não há Brómio, não há coros, nem Bacantes, porta-
65 doras do tirso⁹, | nem os sons frenéticos dos tímpanos, nem
as frescas gotas do vinho junto às fontes de água nascente!
Nem entoo, em Nisa¹⁰, na companhia de uma Ninfa, o grito
) «Íacchos, Íacchos» | em honra de Afrodite¹¹, em cuja persegui-
ção me evolava com as Bacantes de alvos pés.

⁹ As adoradoras míticas de Dioniso, as Bacantes ou Ménades, faziam-se acompanhar por Sátiros nas suas danças frenéticas de celebração e acompanhamento do deus, ritual conhecido por *kômos* ou «cortejo báquico». Símbolo emblemático da sua devoção era o tirso, decorado conforme descrição feita na n. 2 da «Introdução».

¹⁰ Nisa é uma montanha imaginária, associada a Dioniso. Na *Iliada* (6. 132-133) serve de palco à perseguição que o rei da Trácia, Licurgo, move às amas do deus infante. Por ter expulsado a divindade da sua terra, o mortal sofrerá um castigo idêntico ao que espera Polifemo nesta peça, ser-lhe retirada a visão. Em autores posteriores a Homero, Nisa vem identificada com o sítio em que Dioniso passou a sua infância, variando a sua localização: Etiópiã (Heródoto, 2. 146), Arábia (Diodoro Sículo, 1. 15, 3. 64), Líbia (Diodoro Sículo, 3. 66) e Ásia (Apolodoro, 3. 4. 3).

¹¹ «Íacchos» tem interpretações diversas. Tanto corresponde ao grito sagrado que entoavam os participantes da procissão que iam de Atenas a Elêusis durante o festival consagrado aos mistérios da deusa Deméter, como é um dos muitos nomes por que era denominado Dioniso. A este propósito note-se a semelhança fonética entre Baco e Íaco. Além disso, tanto Deméter como Dioniso-Baco são divindades patronas de cultos místéricos, rituais durante os quais se entoava o grito entusiástico

Amigo, querido Baco, para onde te diriges sozinho, | agi- 75
tando a cabeleira loura? Enquanto eu, o teu servo, sirvo o
Ciclope de um só olho, entregue ao exílio de escravo, vestido |
com esta miserável túnica de bode, privado da tua amizade. 80

SILENO (*dirigindo-se aos Sátiros*)

Silêncio, meus filhos! Ordenem aos criados que recolham
os rebanhos na gruta de tecto rochoso¹².

CORIFEU

Toca a andar! (*Incentivo feito aos outros Sátiros.*) Mas, meu
pai, o que é que te preocupa? |

SILENO (*voltando-se, agora, para a entrada do lado direito da cena*¹³)

Vejo, diante da costa, a quilha de um navio grego e os 85
remadores dirigidos por um comandante, que avançam na di-
recção desta gruta; à volta do pescoço, carregam ânforas va-
zias — é porque estão necessitados de abastecimento! — e bi-

«Íacchos» ou «Íacche». Como assinala R. Seaford, no comentário que faz a este passo (*Eurípides, Cyclops*, 114), a associação deste canto a Afrodite comporta, por conseguinte, uma inesperada nota humorística.

¹² Os criados, a que se alude, devem ser entendidos como «personagens mudas», isto é, figuras que não falam, mas que cumprem a função de recolher os animais aos seus currais, enquanto os pastores, o Coro de Sátiros, executam as suas danças. Note-se que a escolha do substantivo *próspolos*, para designar esta categoria de servos, pode conter uma sugestão subtil a alguma complexidade e/ou sofisticação do estilo de vida do rústico Ciclope. Na verdade, Eurípides, quando emprega este mesmo substantivo em outros dois passos da sua produção dramática (*Hipólito* 808, *Hércules Furioso* 332) refere-se, sempre, a servos de um palácio. Ou seja: por um lado, temos um Ciclope que tem a seu cargo um elevado número de escravos, o que denota uma certa complexidade dos laços sociais da comunidade em que se insere; pelo outro, não passa despercebida uma certa ironia associada às palavras de Sileno, quando junta na mesma fala um símbolo de civilização (criados de um palácio) a outro de selvajaria (viver numa «gruta de tectos rochosos»).

¹³ De acordo com a convenção cénica do teatro grego, do lado direito o público tinha o porto (cf. *supra*, n. 6).

90 lhas para a água. Infelizes forasteiros! | Quem são eles afinal?
Não sabem que género de pessoa é o nosso amo Polifemo, pois
vêm de visita a esta terra hostil e, desgraçadamente, estão-se a
meter na boca de um Ciclope andrógago. (*Dirigindo-se aos Sá-*
95 *tiros.*) Quietinhos, a ver se nos dizem | de onde vieram, até
chegarem aqui, ao monte Etna, na Sicília.

ULISSES

Estrangeiros, vocês podem indicar-nos onde encontrar um
rio de água corrente, para matarmos a sede, e se alguém deseja
vender alimentos a marinheiros deles precisados? (*Observando*
com mais atenção o local onde se encontra, não contém a surpresa.) —
Olá!!! O que é isto? Parece que entrámos na cidade de Bró-
100 mio! | Tal é a multidão de Sátiros que vejo diante da gruta!
A primeira saudação dirijo-a ao mais velho.

SILENO

Ora viva, forasteiro! Diz-nos quem és, qual a tua pátria.

ULISSES

Ulisses de Ítaca, rei dos Cefalenos ¹⁴.

SILENO

Conheço um indivíduo, um charlatão de primeira, da raça
de Sísifo ¹⁵. |

ULISSES

105 Esse sou eu! Mas não me insultes.

¹⁴ É por este etnónimo que são designados os habitantes de Ítaca e das ilhas em redor, domínios de Ulisses, na *Iliada* de Homero (2. 631-636).

¹⁵ Reputado de o mais astuto dos mortais, Sísifo, na tradição pós-homérica, surge como o verdadeiro pai de Ulisses. A inteligência ardilosa do rei de Ítaca justifica-se, assim, como uma herança genética paterna.

SILENO

Donde vens tu, para teres navegado até aqui, à Sicília?

ULISSES

De Ílion e dos tormentos de Tróia.

SILENO

Como? Não sabias o caminho para a tua terra?

ULISSES

Tempestades de vento arrastaram-me à força para aqui. |

SILENO

Oh! Suportas um destino igual ao meu.

110

ULISSES

Então também tu vieste aqui parar contra vontade?

SILENO

Durante a perseguição dos piratas que raptaram Brómio.

ULISSES

Que terra é esta e quem a habita?

SILENO

O Etna, o monte mais alto da Sicília. |

ULISSES

Onde ficam as muralhas e as fortificações da cidade?

115

SILENO

Não existem! Só promontórios vazios de homens, forasteiro.

ULISSES

Mas quem são os donos destas terras? Será a raça dos animais?

SILENO

Os Ciclopes, que vivem em cavernas, não em casas edificadas.

ULISSES

A quem é que eles obedecem? Ou o poder está nas mãos do povo? |

SILENO

120 Vive cada um por sua conta. Ninguém obedece em nada a ninguém.

ULISSES

Semeiam o trigo de Deméter ou do que é que vivem?

SILENO

De leite, de queijo e da carne das ovelhas dos seus rebanhos.

ULISSES

Mas conhecem a bebida de Brómio, o sumo das uvas?

SILENO

Nem pensar! É por isso que vivem numa terra sem graça¹⁶. |

¹⁶ O adjectivo grego significa à letra «sem danças». Os Sátiros, figuras masculinas que acompanhavam o cortejo mítico de Baco, dançavam ao som de flautas e tamboris, o que imprimia ritmo e animação aos acompanhantes do deus. A entrada do Coro em cena reproduz, aliás, esse ambiente de *kômos* báquico.

ULISSES

No entanto são hospitaleiros e respeitadores para com os 125 estranhos?

SILENO

Afirmam que os estrangeiros têm a carne particularmente deliciosa.

ULISSES

O que é que estás a dizer? Que apreciam uma refeição de carne humana?

SILENO

Ninguém que aqui tenha chegado escapou de ser imolado.

ULISSES

Esse Ciclope, onde está? Em casa? |

SILENO

Partiu em direcção ao Etna, seguindo com os cães as pis- 130 tas de caça.

ULISSES

Mas tu sabes como ajudar-nos a «dar ao solaide»?

SILENO

Não faço ideia, Ulisses. Todavia, por ti, somos capazes de fazer qualquer coisa.

ULISSES

Vende-nos pão! Temos falta dele.

SILENO

Não há — como expliquei — nada mais além de carne. |

ULISSES

135 Mas esse é um bom remédio para a fome.

SILENO

Também temos queijo e leite de vaca ¹⁷.

ULISSES

Trá-los cá para fora! À luz do dia é que se fazem os negócios.

SILENO

E tu — diz-me lá — quanto ouro é que me vais dar em troca?

ULISSES

Ouro, não! Mas trago a bebida de Dioniso. |

SILENO

140 Meu caro, digo-te que há muito que penamos por ela.

ULISSES

E foi Máron, o filho do deus, que ma ofereceu.

SILENO

Aquele que eu próprio carreguei, outrora, com estes braços?

ULISSES

O filho de Baco, para seres mais explícito.

¹⁷ O texto fala de um tipo particular de queijo, coalhado com sumo de figo.

SILENO

Ele está no teu barco, nos bancos dos remadores, ou veio contigo? |

ULISSES

É neste odre que se encontra, como vês, ancião. 145

SILENO (*apontando para o odre*)

Ora isto não vai chegar sequer para me encher a cova de um dente.

ULISSES

Claro que vai! Ele escorre duas vezes mais do que a capacidade de um odre.

SILENO

Magnífica, deliciosa é a fonte de que me falas.

ULISSES

Queres que eu primeiro to deixe provar em estado puro? ¹⁸ |

SILENO

É justo! De facto a prova estimula a compra. 150

ULISSES

E eu até trago um copo com o odre.

¹⁸ Uma vez que os Gregos tinham por costume beber o vinho misturado com água, o consumo da bebida pura é um dos estereótipos associados ao Bárbaro, isto é, aos não Gregos. Para além desta diferenciação étnico-cultural, a atitude encerra um sentido ético claro: o excesso, característica severamente reprovada, por ser o oposto do ideal grego da moderação, a *sophrosyne*.

SILENO

Vamos lá, bota abaixo! Para eu me lembrar do que é beber.

ULISSES

Toma!

SILENO (*começando por inalar o odor da bebida*)

Ahhhhhh! Que maravilhoso perfume tem!

ULISSES

Viste-o?

SILENO

Não, caramba! Mas estou a senti-lo. |

ULISSES

155 Prova-o já, para que os teus elogios não se limitem às palavras.

SILENO (*engolindo o primeiro trago*)

Ohhhhhh! Baco chama-me para a dança. Lai, lairai, lai!

ULISSES

Soou-te bem, ao escorrer pela goela abaixo?

SILENO

Sim, até chegar à ponta das unhas. |

ULISSES

160 Além do vinho, vamos dar-te ainda dinheiro.

SILENO

Abre apenas o odre! Esquece o ouro!

ULISSES

Tragam então cá para fora queijos ou um cordeiro.

SILENO

É o que vou fazer, pouco me importa os patrões. Estou louco por beber uma taça de vinho, uma só, | que troco pelo 165 gado de todos os Ciclopes; estou louco por saltar para o mar do alto do rochedo de Léucade, podre de bêbedo, com um sorriso nos lábios¹⁹. Que tolos, os que não vivem a alegria de tomar uma pinga! Para que, assim, aqui o compadre (*apontando para o sexo*) se mantenha direito, | e se agarre um seio e se 170 apalpe com ambas as mãos uma ratinha com calores — ao mesmo tempo uma delícia e um anestésico para os males (*termina, soltando um profundo suspiro de prazer*).

No que me toca, não hei-de eu venerar esta bebida e lamentar a estupidez do Ciclope e o seu olho espetado no meio da testa? |

CORIFEU

Ouve lá, Ulisses! Queremos falar-te de um assunto. 175

ULISSES (*abrindo os braços*)

Meus amigos, cheguem-se cá a este compincha.

CORIFEU

Vocês tomaram Tróia e Helena?

ULISSES

E destruímos por completo o palácio de Príamo.

¹⁹ No texto grego, o estado de embriaguez produz um efeito diverso (a distensão das sobrancelhas), efeito de relaxe que em português se torna mais claro pela expressão «com um sorriso nos lábios». Segundo a tradição grega, na ilha iónica de Léucade existia um promontório do qual os apaixonados, tomados de desgosto, se precipitavam.

CORIFEU

180 Pois bem, quando se apoderaram da jovem Helena, | não
a partilharam entre vocês, já que ela dá o cavaco por ter mui-
tos maridos? A traidora, que se deixou seduzir pela visão de
umas calças coloridas e de um colar de ouro pendurado ao pes-
185 çoço! ²⁰ | E abandonou Menelau, o melhor dos homens? Se fos-
se eu a mandar, a partir dessa data a raça das mulheres estava
arrumada.

SILENO

Vê o gado que vos trazem os pastores, senhor Ulisses, as
190 crias dos carneiros de sonoros balidos, | e muitos queijos, fei-
tos de leite coalhado.

(Entregando às pressas os produtos aos Gregos, exclama.)

Tomem lá! Afastem-se, o mais depressa possível, da gru-
ta, mas dêem-me em troca o sumo das uvas, fruta consagrada
a Baco. Ai de mim! O Ciclope está a chegar! O que é que
havemos de fazer?

ULISSES

Pois bem, meu velho, estamos fritos! Para onde é que
podemos fugir? |

SILENO *(apontando, agora, para o interior da gruta)*

195 Para dentro desta caverna, podem esconder-se aqui mesmo.

²⁰ O Corifeu refere-se a Páris, o príncipe troiano que, quebrando os laços sagrados da hospitalidade, raptara a esposa do anfitrião espartano, Menelau. Nas palavras sarcásticas do sátiro, Helena não passava de uma devassa, condição essa que, a ser verdade, retira à saga dos guerreiros gregos em Tróia a dignidade inerente ao desagravo por uma ofensa contra um valor sagrado como o da hospitalidade. O uso de calças, inusitado na Grécia, e o luxo são outros dois elementos caracterizadores da alteridade do Bárbaro, neste caso o Troiano.

ULISSES

É perigoso esse conselho, de nos irmos meter na boca do lobo.

SILENO

Perigoso coisa nenhuma! A gruta tem muitos esconderijos.

ULISSES *(enchendo o peito de ar, exclama com orgulho)*

Mesmo nada perigoso! Tróia teria muito de que se lamentar, se nós tivéssemos fugido diante de apenas um homem. Mas não! Muitas vezes eu, | só com o meu escudo, enfrentei um ba- 200
talhão de Frígios. Porém, se for preciso morrer, morreremos honradamente ou então salvamos a pele e contribuímos para aumentar a nossa glória!

CICLOPE *(entrando na gruta e surpreendendo os Sátiros aos saltos em volta do odre)*

Alto e pára o baile! O que é isto? Que festança é esta? Porque é que celebram Baco? Aqui não há essa coisa de «Dionisios», | nem castanholas, nem o ressoar de tamboris de bron- 205
ze. Como é que se têm visto, cá pela gruta, as minhas crias recém-nascidas? Por acaso estão a mamar? Andam à procura das tetas das mães? Os cestos de junco estão repletos de queijos frescos? | O quê? O que é que respondem? *(Erguendo* 210
o cajado, protesta em tom ameaçador.) Está aqui, está um de vocês a berrar, por causa deste pau! Olhem pra cima e não prò chão!

CORIFEU

Vamos, toca a levantar a cabeça para Zeus! Eu até consigo vislumbrar os astros e a constelação de Oríon ²¹.

²¹ Segundo R. Seaford (*Euripides, Cyclops*, 145-147), Oríon funciona aqui como metáfora do próprio Ciclope, pois, tal como este, trata-se de um gigante, também filho de Posídon, representado como um caçador, que veste uma pele e usa como arma uma clava. Além destas semelhan-

CICLOPE

O comer está preparado, como deve ser? |

CORIFEU

215 Está sim. Só tens de abrir as goelas.

CICLOPE

E os cântaros? ²² Estão cheios de leite?

CORIFEU

De tal maneira que, se quiseres, podes emborcar um jarro inteiro.

CICLOPE

De leite de ovelha, de vaca ou do misturado?

CORIFEU

Do que tu quiseres, desde que não me emborques a mim. |

CICLOPE

220 Nem por sombras! Convosco aos pulos na pança, passava logo para o galheiro, graças a esse forró. Alto aí! (*Reparando nos Gregos que se escondiam no fundo da gruta, prossegue.*) Que maralhal de gente é esse que eu vejo à frente dos currais? Será que piratas ou salteadores invadiram esta terra? Vejo cordeiros dos

ças, há uma outra que funciona como prenúncio do futuro do Ciclope: Oríon foi cegado por Enópion, depois de, sob o efeito da embriaguez, ter violado a irmã deste, Mérope.

²² O vaso grego em questão denomina-se *kratêr* e distingue-se, entre a cerâmica grega, pela forma alongada do seu bojo. Destinava-se sobretudo ao armazenamento e transporte de produtos líquidos (azeite e vinho). Desconhecedor das conquistas da vida civilizada, o Ciclope consome leite em vez de vinho, o qual guarda, no entanto, em recipientes tipicamente gregos. Não se trata, pois, de um verdadeiro estereótipo do modo de vida primitivo.

meus redis | presos uns aos outros por cordas de vime, fora ²²⁵ da gruta, uma balbúrdia entre os queijos, e o velho com a careca inchada das pancadas ²³.

SILENO

Ai de mim, infeliz, tenho a cabeça a arder das pauladas.

CICLOPE

Porquê? Quem é que te esmurrou a cabeça, velhote? |

SILENO (*apontando para os Gregos*)

Estes aqui, Ciclope, porque impedi que levassem os teus ²³⁰ bens.

CICLOPE (*assumindo a pose de «todo-poderoso»*)

Não sabiam que eu sou um deus e que descendo dos deuses?

SILENO

Eu bem dizia isso mesmo, mas eles arrebanhavam os teus haveres. E, apesar da minha resistência, comiam o queijo e roubavam os cordeiros. Depois de te acorrentarem | com uma ²³⁵ coleira com três braços de comprimento, à vista do teu único olho, afirmavam que te iam arrancar as tripas à força, que te abrasariam as costas com o chicote, e que, depois de te embarcarem e amarrarem aos bancos, te venderiam a alguém, que te condenaria | a transportar pedras ou a trabalhar num moio- ²⁴⁰ nho ²⁴.

²³ Desconhecedor dos efeitos do vinho bebido em excesso, o Ciclope interpreta o inchaço daí decorrente como hematomas resultantes de uma sova.

²⁴ Nas referências a estas duas punições podem ler-se: por um lado, uma alusão à tarefa que a tradição mitológica atribuía aos Ciclopes, a construção das grandiosas muralhas dos palácios de Micenas e Tirinto; pelo outro, uma ameaça de redução à escravatura, uma vez que o duro trabalho nos moinhos estava reservado a escravos.

CICLOPE

A sério?! Vais-me afiar, o mais depressa possível, os facalhões da carne e colocar ao lume um bom feixe de lenha? Assim que forem sacrificados, vão encher-me a pança e pro-
245 porcionar aqui ao sacrificador | (*referindo-se a si próprio*) uma refeição quente, direitinha das brasas, com pedaços de carne cozidos e derretidos no caldeirão. A verdade é que já estou absolutamente farto do menu típico das serras! Tenho-me banquetado, à grande, com carne de leão e de cervo, mas faz já muito tempo que não me regalo com um repasto de carne humana. |

SILENO

250 De facto a galinha da vizinha é sempre melhor do que a minha ²⁵. E, nos últimos tempos, não se aproximaram da tua gruta nenhuns outros estrangeiros.

ULISSES

Ciclope, ouve também a versão dos estrangeiros, porque precisávamos de nos abastecermos de víveres, deixámos para
255 trás as nossas naus e dirigimo-nos à tua gruta. | Mas os cordeiros, era este sujeito (*apontando para Sileno*) quem os vendia a troco de uma taça de vinho; a bebida, aceitou-a de livre vontade e deu-nos as mercadorias, que também nós voluntariamente aceitámos — nenhum destes actos foi forçado. Este fulano não
260 tem razão em nada do que diz, | uma vez que o apanhaste com a boca na botija, a vender as tuas coisas.

SILENO

Eu? Maldito sejas!...

²⁵ Provérbio usado para traduzir a expressão grega «as novidades são mais doces do que as coisas a que estamos habituados».

ULISSES (*completando a última frase de Sileno*)

... Se minto.

SILENO (*abraçando-se aos joelhos do Ciclope*)

Por Posídon que te gerou, ó Ciclope, pelo poderoso Trítton e por Nereu, por Calipso e pelas filhas de Nereu ²⁶, | pelas 265 ondas sagradas e por toda a raça de peixes, juro-te, ó perfeição dos Ciclopes, meu rico senhorzinho, que eu não vendi nenhum dos teus haveres aos estrangeiros. Raios partam estes meus filhos (*apontando para o Coro de Sátiros*), que amo mais que tudo, se te minto. |

CORIFEU (*defendendo a sua pele e a dos irmãos, volta-se contra o pai*)

Fica-te tu com esse voto. Eu cá vi-te vender as provisões 270 aos forasteiros. Se o que digo for mentira, que morra o meu pai. Quanto aos estrangeiros, não sejas injusto com eles.

CICLOPE

Mentirosos! Eu pela minha parte confio mais neste fulano (*designando Sileno*) do que no próprio Radamanto ²⁷ e conside-
ro as suas palavras mais verdadeiras. | Não obstante, quero in- 275
terrogá-los: «Donde é que vêm, forasteiros? De que país? Qual a cidade que vos viu crescer?»

²⁶ Filho do deus do mar e da Ninfa Toosa, o Ciclope seria particularmente sensível às evocações de todo este rol de divindades marinhas. Trítton e Nereu eram seus irmãos, pelo lado paterno, ao passo que as Nereides, filhas de Nereu, são suas primas. Calipso, graças à *Odisseia* de Homero, ficou para a história como uma das mais célebres ninfas. Conhecida por ter acolhido Ulisses náufrago na sua gruta, a quem prometeu a imortalidade em troca do seu amor, a ninfa acabou por ver recusada a sua oferta. As razões da desfeita provocada pelo mortal assentavam no amor que ele nutria pela pátria, pela esposa e pelo filho, em nome de quem abandona o paraíso da ilha Ogígia.

²⁷ Figura histórica referida por Píndaro (*Píticas* 2. 73-74) como legislador das ilhas do Egeu, o qual, como prémio pela forma justa como apli-

ULISSES

Somos naturais de Ítaca, mas vimos de Ílion, na sequência da destruição da cidade de Tróia, e chegámos à tua terra fustigados por ventos marítimos, Ciclope. |

CICLOPE

280 Porventura vocês são os tais que, por causa do rapto da maldita Helena, atacaram a cidade situada nas margens do Escamandro? ²⁸

ULISSES

Esses mesmos! E temos suportado duras penas.

CICLOPE

Desonra dos exércitos, vocês, que, por uma mulher apenas, se fizeram ao mar, em direcção à terra dos Frígios. |

ULISSES

285 Foi obra de um deus! Os mortais não têm culpa nenhuma. Mas nós, ó filho ínclito do deus do mar, dirigimos-te as nossas súplicas e falamos abertamente ²⁹: não cometas a crueldade de matar quem se abeirou da tua morada como amigo, nem de pôr na boca um alimento sacrílego! | Nós, senhor, somos os que, nos lugares mais recônditos da Hélade, asseguramos que o vosso pai tenha portos para os barcos. Permanecem intactos o porto sagrado do Ténaro ³⁰, os fundos estreitos do cabo Málea; conservam-se o rochedo de prata da divina Atena,

cara a lei, obtivera o favor dos deuses. No universo da lenda corresponde a um herói natural de Creta, filho de Zeus e de Europa, a quem foi confiado o cargo de juiz dos Infernos.

²⁸ Rio da planície de Tróia.

²⁹ Referência ao direito que assiste ao homem livre, por oposição ao escravo, de falar sem restrições.

³⁰ Situado a sul do Peloponeso, hoje conhecido por cabo Matapán. Aí existia um templo de Posídon, como testemunha Aristófanes na sua comédia *Acarnenses* (510).

no cabo Súnion, | e os refúgios de Geresto ³¹. A Grécia não a entregámos aos Frígios, o que seria uma perfeita loucura! ³² Aliás, tu também lhe pertences, pois faz parte da Grécia profunda a terra que habitas, no sopé do Etna, a montanha que cospe fogo. É costume entre os mortais — se acreditas no que te digo — | acolher os suplicantes maltratados pelo mar, oferecer-lhes presentes de hospitalidade e dar-lhes de vestir; não é costume encher a pança e a boca com os seus membros cravados em espetos de assar bois — como tu fazes! 300

Mas a terra de Príamo causou grandes baixas à Grécia, | bebeu o sangue de inúmeros mortos, vítimas da lança, e foi o martírio de esposas sem maridos, de velhas mães sem filhos e de pais cobertos de cãs. E ainda por cima, se os que sobreviveram tu os assares todos e servires numa repugnante refeição, para onde é que uma pessoa se há-de virar? 305

Confia em mim, Ciclope! | Controla a voracidade da tua boca e sobrepõe os actos piedosos aos impiedosos, pois, em muitas circunstâncias, aos sucessos assentes no crime sucede a punição. 310

SILENO

Quero dar-te um conselho: da carne deste aqui (*apontando para Ulisses*) não deixes nada; mais ainda, se lhe comeres a língua, | vais ficar inteligente e eloquente até mais não. 315

CICLOPE (*falando para Ulisses*)

A riqueza, meu amigo, é o deus dos espertos; o resto são fanfarronices e belos discursos. No que se refere aos cabos do mar, consagrados ao meu pai, desejo felicitar-vos.

³¹ De facto, todos os lugares identificados apresentavam um templo e/ou uma estátua consagrada a Posídon. O cabo Súnion situa-se no extremo sul da Ática e Geresto na ilha Eubeia. Registe-se a alusão às minas de prata de Láurion, pertença dos Atenenses.

³² Referência anacrónica às Guerras Medo-Persas (ocorridas entre 490-479 a. C.). De facto a invasão bárbara da Grécia corresponde a um acontecimento histórico verificado no século V a. C., ao passo que a Guerra de Tróia, no rescaldo da qual tem lugar a presente acção, se situa tradicionalmente nos finais do século XII a. C.

Mas por que hei-de estar eu pra'qui com estas lérias? |
320 O raio de Zeus não me mete medo, forasteiro, e não sei em
que é que Zeus é uma divindade mais poderosa do que eu.
O resto não me interessa! E não me interessa, sabes porquê?
Ora, ouve lá!

Sempre que a chuva cai lá de cima cá pra baixo, nesta
325 rocha tenho uma casa que me abriga; | uma cria grelhada ou
um animal selvagem servem-me de refeição; rego bem o fundo
ao estômago, basta entornar umas jarras de leite; peido-me com
alma sob a roupa para, por meio deste ribombar, rivalizar com
os trovões de Zeus.

Sempre que o vento Bóreas³³, da Trácia, traz consigo a
330 neve, | embrulho-me em peles de animais e acendo o lume —
o frio não me incomoda. A terra, quer queira quer não, vê-se
forçada a produzir o pasto e com ele alimenta o meu gado.

Eu não sacrifico a mais ninguém, excepto a mim (aos deu-
335 ses, não!), | à mais ilustre divindade, aqui este estômago. Por-
que o beber e o comer todos os dias, isso sim, é que é Zeus,
para quem tem juízo, não o andar a sofrer!

Quanto àqueles que fizeram as leis para embelezar a vida
340 dos homens, | que se danem! Pela minha parte, não tenciono
parar de fazer bem à minha pessoa — pelo que te vou comer.
Como sou um anfitrião exemplar, os presentes de hospitalida-
de que vais receber são os seguintes: fogo, a água de meu pai³⁴
e este caldeirão, que, repleto de pedaços da tua carne, a fará
fervir. |

345 Mas entrem lá pra dentro, para a companhia do deus do
antro, a fim de, dispostos à volta do altar, me servirem de
repasto.

ULISSES (*dirigindo-se ao interior da gruta, profere um derradeiro
lamento e evocação divina*)

Ai, ai! Escapei às penas de Tróia e às do mar, mas neste
momento dependo do coração desumano e empedernido de

³³ Vento norte.

³⁴ Alusão a Posídon.

um homem sem lei. | Ó Palas, ó senhora, deusa nascida de 350
Zeus, agora, acode-me agora, que me confronto com sofrimen-
tos seguramente maiores do que os de Tróia e com uma situa-
ção de perigo extremo. E tu, que habitas as moradas dos astros
brilhantes, Zeus hospitaleiro, atenta nesta situação, pois, se não
lhe ligares, | Zeus, apesar de seres um deus, serás considera- 355
do um zero à esquerda.

CORO

Estrofe

Abre a entrada dessas tuas goelas vorazes, Ciclope! Já es-
tão prontos (cozidos e grelhados na brasa), prontos a serem
retraçados, devorados e esquartejados por ti, | refastelado numa 360
pele de cabra, os membros dos hóspedes.

Interlúdio

A mim não, não mos ofereças! Enche o casco ao barco
apenas a contar contigo³⁵. Não quero saber deste antro para
nada, não quero saber | se o sacrílego Ciclope do Etna rea- 365
liza sacrifícios, se se deleita com um manjar de carne de es-
trangeiros.

Antístrofe

Impiedoso, ó miserável, é quem sacrifica suplicantes, | que 370
são hóspedes da sua casa, e se banqueteia com a sua carne
cozida, que rasga com dentadas sacrílegas, de que devora os
pedaços quentes, saídos do brasido. |

ULISSES (*fugindo sorratamente da gruta, horrorizado, revela os
actos ocorridos no seu interior*)

Ó Zeus, o que hei-de dizer, à vista dos actos passados no 375
interior da gruta? Actos horríveis, inacreditáveis, semelhantes
a fábulas, não a acções humanas.

³⁵ A expressão grega, que mantemos pela imagem náutica que en-
cerra, equivale ao português «enche o prato».

CORIFEU

O que é que se passa, Ulisses? Porventura o abominável
Ciclope banqueteu-se com os teus caros companheiros?

ULISSES

Com dois, depois de avaliar, segurando-os nas mãos, |
380 quais eram os mais gordinhos.

CORIFEU

Ó infeliz, como é que vocês caíram nessa desgraça?

ULISSES

Quando entrámos neste antro rochoso, a primeira coisa
que fez foi acender uma fogueira, atirando para uma lareira
385 enormes troncos de uma árvore adulta, | com peso equivalen-
te ao transportado por três carros e ao lume colocou um cal-
deirão de bronze. De seguida estendeu no chão uma cama de
caruma dos pinheiros, próximo da chama do lume. Encheu com
390 o branco leite, ordenhado às vacas mais jovens, um jarro com
capacidade para dez ânforas. | Serviu-se por uma taça de ma-
deira de hera, com três côvados de bordo e que aparentava ter
quatro de profundidade³⁶. Preparou uns espetos (cujas pontas
tinham sido queimadas no fogo e o resto polido com uma
podoa, feita de ramo de espinheiro) e umas jarras para o san-
395 gue das vítimas, | talhadas à moda do Etna, a machado. Quan-
do o sacrificador infernal, odioso aos deuses, considerou os pre-
parativos completos, alumiado pelo fogo, pegou em dois dos
meus companheiros e sacrificou-os, com movimentos seguros:
400 a um imolou-o para o interior do caldeirão de bronze, | mas
ao outro, segurou-o pela ponta do tendão de um pé e, ao bater
com ele contra a lâmina afiada de uma pedra arrancada à pa-
rede da gruta, fez-lhe saltar o cérebro; depois retalhou-lhe vio-

³⁶ Um côvado corresponde a 0,66 cl.

lentamente as carnes com um facalhão e pô-las a assar ao lume;
quanto aos membros, fê-los cozer no caldeirão. |

E eu, infeliz de mim, com a cara banhada em lágrimas, 405
estava mesmo ao lado do Ciclope, a fazer-lhe de ajudante, en-
quanto os outros, tal como os pássaros, cheios de medo, se
escondiam no fundo da caverna, sem um pingo de sangue no
rostro. Regalado com a refeição dos meus companheiros, | caiu 410
por terra, a exalar das goelas um hálito insuportável.

Então ocorreu-me uma ideia genial! Dei-lhe a beber uma
taça cheia deste licor de Máron e disse-lhe o seguinte: «Ó Ci-
clope, filho do deus do mar, vê bem o que a Grécia extrai da
vinha, | esta bebida divinal, motivo da alegria de Dioniso.» 415
E ele, empanturrado com o infame repasto, aceitou o copázio,
que emborcou às goladas. Ergueu então uma mão e teceu este
elogio: «Meu forasteiro muito amado, uma bebida excepcional,
depois de uma refeição magnífica, é o que me ofereces.» | Per- 420
cebi que ele já estava com um grão na asa e fui-lhe dando outra
taça, por saber que o vinho iria vencê-lo e que estava para
breve o ajuste de contas. Então ele começa a cantar, ao passo
que eu, a encher-lhe um copo atrás do outro, lhe vou aquecen-
do as entranhas com a bebida. | Os sons do seu canto desafi- 425
nado, acompanhado pelo pranto dos meus companheiros de
navegação, ressoam agora pela gruta. Eu escapuli-me de man-
sinho com o propósito de me salvar, a mim e a ti também, se
quiseres.

(Dirigindo-se à totalidade do Coro.)

Mas, digam-me lá todos, se estão ou não interessados em
fugir deste selvagem e em viver | na morada de Baco, na com- 430
panhia das Náiades³⁷.

(Voltando-se novamente apenas para o Corifeu.)

O teu pai, que se encontra lá dentro, apoia esta proposta.
Contudo, porque lhe faltam as forças e está a aproveitar-se da
pinga, não ata nem desata, agarrado à taça que nem pássaro à
isca. Porém tu — que és um jovem — vem comigo, salva a tua

³⁷ Ninfas das fontes e dos rios.

435 pele e junta-te | ao velho amigo Dioniso, que em nada se asse-
melha ao Ciclope.

CORIFEU

Ai amigo, pudéssemos nós ver esse dia, em que fugísse-
mos do Ciclope, um tipo sem lei nem grei. Há muito que o meu
440 sifãozinho | está vazio (*exclama, indicando o sexo*)³⁸, não temos
papado nada.

ULISSES

Escuta agora a minha vingança contra a besta malvada e
o plano para a tua fuga do cativoiro.

CORIFEU

Desembucha, pois a música da cítara asiática não seria
mais doce de ouvir do que a morte do Ciclope. |

ULISSES

445 Animado pela bebida de Baco, Polifemo quer juntar-se,
num cortejo, aos seus irmãos Ciclopes.

CORIFEU

Percebi: estás a maquinar apanhá-lo sozinho numa flores-
ta e degolá-lo, ou então lançá-lo de um precipício.

ULISSES

Nada disso! Num embuste é que está a minha aposta. |

CORIFEU

450 Como assim? Há muito tempo que ouvimos falar da tua
sabedoria.

³⁸ Associação do vinho ao sexo, uma vez que se compara o pénis a
um sifão, usado para tirar vinho de um recipiente para outro.

ULISSES

Para lhe tirar da cabeça a ideia do cortejo, digo-lhe que
não tem obrigação de dar essa bebida aos Ciclopes, mas sim
que a guarde só para si, garantindo uma vida de prazeres. Mal
ele adormeça, vencido por Baco, | há uma vara de oliveira na 455
caverna, a que eu vou afiar a ponta com o meu punhal e aque-
cer ao lume. Logo que a veja em brasa, retiro-a incandescente,
espeto-a no meio do olho do Ciclope e derreto-lho com o ca-
lor. | Tal como o marceneiro que constrói um barco manobra 460
o verrumão com duplas amarras, eu farei girar o tição na vista
do Ciclope, até lhe secar a menina-do-olho. |

CORIFEU

Uau! Excelente! Estou passado com o teu plano. 465

ULISSES

E de seguida, após o embarque no meu navio negro, mo-
vido a remos duplos, levarei para longe desta terra não só a ti,
mas também aos meus amigos e ao velho Sileno.

CORIFEU

É, por acaso, possível que, tal como sucede na libação a
um deus, | também eu possa segurar no tição que há-de cegá- 470
-lo? É claro que quero tomar parte nesse castigo.

ULISSES

E é preciso! De facto o tição é pesado! Venha de lá essa
ajuda!

CORIFEU

Eu seria capaz de carregar o peso de cem carros se, tal
como se faz a um vespeiro, | for para encher de fumo o olho 475
do maldito Ciclope.

ULISSES (*dirigindo-se, de novo, ao interior da gruta*)

Agora, fiquem caladinhos! Já estão a par da tramóia! Quan-
do eu der ordem, obedeçam ao cérebro da empresa (*diz, apon-*

tando para si). Realmente eu não vou salvar apenas a minha pele, abandonando os meus companheiros que estão lá dentro! [Apesar de poder escapar sozinho, uma vez que estou fora dos
480 calabouços da gruta! | Porém não seria justo salvar-me só a mim, e deixar para trás os meus amigos, que me acompanharam até aqui.]

CORIFEU (*cantando*)

Vamos lá! Quem é o primeiro, quem é o segundo da fila,
485 a arrancar a luz da vista | do Ciclope, a segurar o cabo do tição e a espetar-lho nas pálpebras?

[*Ouve-se um canto, vindo do interior da gruta.*]

Silêncio! Silêncio! (*Saído da gruta, surge o Ciclope, ladeado por Sileno e Ulisses.*) Toldado pelo vinho, entoando um som de cana
490 rachada, | o malfadado cantor, em lágrimas, sai da sua morada rochosa. Vamos! Ensinemos a quem não tem ensinamento possível como celebrar a Baco! De qualquer maneira ele está prestes a ficar cego. |

1.^a estrofe

495 Feliz daquele que canta Evoé, que, graças às fontes bem amadas das uvas, se entrega de corpo e alma ao cortejo báquico, que abraça um companheiro amigo, que no leito pos-
500 sui a alvura de uma jovem cortesã, que, | com a sua cabeleira de caracóis bem perfumados, pergunta: «A porta, quem ma vai abrir?»³⁹

CICLOPE

2.^a estrofe

Ó lecas! Estou a abarrotar de vinho, reencontrei, com o
505 repasto, a alegria da juventude, | tenho a pança cheia de bebi-

³⁹ Alusão a um tipo específico de canção, entoada pelo membro do cortejo dionisiaco diante da porta da sua amada — conhecido por *paraclausithyron*.

da até cima, como se fosse um cargueiro. O peso da alegria impele-me, nesta estação da Primavera, a formar um cortejo a Baco, com os meus irmãos Ciclopes. |

(*Dirigindo-se a Ulisses.*)

Vamos lá, forasteiro, chega-me daí o odre.

510

CORO

3.^a estrofe

Com olhar embevecido, a Beldade⁴⁰ sai de sua casa. — Há quem goste de nós?⁴¹ Uma tocha acesa espera por ti, | como uma noiva delicada, no interior da gruta de rosas perfumada. As cores variegadas das coroas de flores em breve se
515 entrelaçarão à volta da tua cabeça.

ULISSES

Ciclope, presta atenção: eu sou um *expert* | em matéria
520 aqui do Baco que te dei a beber.

CICLOPE

E Baco? Considera-se um deus de que tipo?

ULISSES

Para os homens é o mais poderoso no que toca aos prazeres da vida.

⁴⁰ Tom irónico, uma vez que o Coro identifica o monstruoso Ciclope com a personificação da beleza. Todo o discurso é uma metáfora da crua realidade que o espera. Em vez de uma tocha, encontrará no interior do antro o espeto em chama, que o há-de cegar. As cores da coroa são, por sua vez, uma alusão ao fogo que lhe abrasará a cabeça.

⁴¹ Tratando-se de um verso truncado, o seu sentido tem sido objecto de diversas leituras. Na tradução apresentada, sugerimos a interpretação defendida por T. C. W. Stinton, para quem o texto contém uma alusão à atracção erótica de Polifemo pelos Sátiros («Notes on Greek Tragedy, II», *Journal of Hellenic Studies* 97, 1977, 138-139). Não esquecer que, segundo a tradição mítica, estas figuras são protagonistas tanto de amores heterossexuais como homossexuais.

CICLOPE

Eu cá é com prazer que o vomito, não haja dúvida. |

ULISSES

525 A divindade é assim: não faz mal a nenhum mortal.

CICLOPE

Mas um deus que vive num odre, como é que pode ser feliz?

ULISSES

Onde quer que o metam, é lá que ele se sente feliz.

CICLOPE

Os deuses não devem ter o corpo envolto em peles.

ULISSES

Mas porquê, se a ti te agrada? Ou porventura a pele faz-te comichão?

CICLOPE

Detesto o odre! Mas a bebida, adoro-a. |

ULISSES

530 Guarda-a para ti, chega-lhe bem e anima-te, Cíclope.

CICLOPE

Não devia eu oferecer deste licor aos meus irmãos?

ULISSES

Se o guardares para ti, aumentarás em muito o teu prestígio.

CICLOPE

Mas se o oferecer, serei muito mais querido aos meus amigos.

ULISSES

A luta, os insultos e a cólera são caros ao cortejo báquico. |

CICLOPE (*aprumando-se, desajeitadamente*)

A mim, apesar de estar bêbedo, não haverá uma alminha 535 capaz de me tocar.

ULISSES

Ó meu amigo, quando se está bem bebido, deve-se ficar em casa.

CICLOPE

Um idiota chapado, aquele que aprecia a festa sem beber.

ULISSES

Pelo contrário! Bem esperto, aquele que, por estar com os copos, fica em casa.

CICLOPE

O que é que fazemos, Sileno? Achas que devo ficar em casa? |

SILENO

Acho que sim. Para que é que são precisos mais compa- 540 nheiros para os copos, Cíclope?

CICLOPE (*olhando para o chão*)

De facto o chão está coberto de tenra erva e de flores.

SILENO

E beber ao calor do Sol é uma maravilha. Recosta-te agora, deita-te de lado no chão.

CICLOPE

Vamos lá! (*Diz ele, deitando-se.*) | Por que razão colocas o 545 jarro nas minhas costas?

SILENO

Para que não venha ninguém roubar-to.

CICLOPE

Ora, ora, tu é que me queres roubar a bebida. Põe-na no nosso meio. E tu, ó forasteiro, diz qual o nome por que te devemos chamar.

ULISSES

Ninguém! E que agradecimento receberei eu por fazer o teu elogio? |

CICLOPE (*bebendo um trago*)

550 O devorar-te depois de todos os teus companheiros.

SILENO

Magnífico, o presente que ofereces ao teu hóspede, Ciclope.

CICLOPE

Tu aí (*apontando para Sileno*), o que é que estás a fazer? A beber o vinho à socapa? |

SILENO

555 Nada disso! Foi este (*diz ele, afagando o odre*) que me beijou, pelos meus lindos olhos.

CICLOPE

Tens muito que chorar, se o amas, pois ele não te ama a ti.

SILENO

Ama sim, cum caraças! Até me disse que amava a minha beleza.

CICLOPE (*estendendo a sua taça a Sileno*)

Vira lá, até me encheres a taça. Limita-te a servir-me.

SILENO

Então como é que se faz a mistura? Vamos examiná-lo a fundo.

CICLOPE (*percebendo que Sileno se prepara sim para beber o vinho até ver o fundo à taça*)

És um homem morto! Dá-mo assim mesmo.

SILENO

Caramba, não to dou a provar sem primeiro te ver coroadado de flores. (*Enquanto coloca a coroa na cabeça do Ciclope, bebe a taça de vinho.*)

CICLOPE

Escanção maldito!

SILENO

Isso não, carago! Mas sim: | ah bela pomada! 560
Só que tens de limpar o ranho para poderes beber.

CICLOPE (*limpando rapidamente a boca e o nariz com as costas da mão*)

Olha, os beiços e a barba estão impecáveis!

SILENO

Agora dá o jeitinho ao cotovelo e bebe, ora como me vês a mim beber ora como não me vês. (*Palavras acompanhadas por dois gestos: o de levar a taça à boca e o de baixá-la, depois de bebido o seu conteúdo.*)

CICLOPE

Ei, ei! Que estás tu a fazer? |

SILENO

Deliciei-me com esta golada.

CICLOPE (*arrancando a taça das mãos de Sileno*)

Toma lá, ó forasteiro! Sê tu o meu escanção.

ULISSES

Realmente conheço uma vinha como a palma da minha mão.

CICLOPE

Anda, serve-me já.

ULISSES

Sirvo, mas fica caladinho.

CICLOPE

É difícil fazer isso que dizes, para quem bebeu à grande. |

ULISSES

570 Vá lá, toma a taça, vira-a e não deixes nada. Tens de beber até cair prò lado.

CICLOPE

Eh lá! Que potente é o fruto da videira.

ULISSES

Ora bem, se, a acompanhar uma farta refeição, emborcarres bem, manténs as securas da pança saciadas e trambolhas
575 no sono. | Mas, se deixares algum resto de vinho, Baco seca-te.

CICLOPE (*toldado pela bebida, começa a ter dificuldades em distinguir a imaginação da realidade*)

Ai, ai! Que difícil foi sair das águas do mar: um puro prazer. Parece-me, porém, que o céu se vai misturar com a terra.
580 Vejo o trono de Zeus e a família dos deuses, | em todo o seu sagrado esplendor. Não vos posso beijar? As Graças (*diz ele, confundindo os Sátiros com figuras femininas*) estão a tentar-me.

Basta! Vou deitar-me aqui com o meu Ganimedes⁴² (*por quem toma o velho Sileno*) que é melhor do que as Graças! De toda a maneira gosto mais de rapazinhos do que de mulheres. |

SILENO (*estupefacto*)

Sou eu o Ganimedes de Zeus, Ciclope?

585

CICLOPE

Claro, por Zeus! Aquele que eu, em pessoa, rapto da terra de Dárdano⁴³.

SILENO (*debatendo-se com o Ciclope, que o agarra*)

Estou frito, meus filhos! Esperam-me penas terríveis.

CICLOPE

Censuras o amante e aproveitas-te dele, porque está com os copos?

SILENO (*entra na gruta, acompanhando o Ciclope*)

Ai de mim! Dentro em breve vou ver como o vinho é azedo! |

ULISSES (*dirigindo-se ao Coro de Sátiros*)

Toca a andar, filhos de Dioniso, ínclita geração, o nosso
590 homem está lá dentro. Derrotado pelo vinho, dentro de pouco tempo vai deitar a refeição pelos gorgomilos infames. O tição já fumeça, no interior da gruta, pronto para a acção: nem mais nem menos do que queimar | o olho do Ciclope. Portanto (*diz*
595 *ele, dirigindo-se ao Corifeu*), porta-te como um homem.

⁴² Ganimedes, herói troiano de particular beleza, despertou a paixão de Zeus, que o rapta e lhe confia o papel de escanção do Olimpo. O cómico da situação resulta da comparação do velho e grotesco Sileno com uma figura que representa o seu oposto, Ganimedes.

⁴³ Cidade situada no Helesponto. O Ciclope, no meio do seu delírio ébrio, toma-se pelo próprio Zeus, pois vangloria-se de um acto cometido pelo pai dos deuses.

CORIFEU

Estaremos neste plano de pedra e cal⁴⁴. Toca a andar lá pra dentro, antes que o nosso pai seja maltratado! Estamos inteiramente ao teu dispor.

ULISSES (*dirigindo-se ao interior da gruta, exclama em tom de prece*)

Hefesto, senhor do Etna, livra-te de uma vez por todas da
600 má vizinhança, | queimando-lhe a luz do olho! E tu, ó filho da
noira Noite, Sono, canaliza a tua violência contra a fera odiosa
aos deuses! Ultrapassados os grandiosos padecimentos de
Tíbia, não deixeis perecer Ulisses nem os seus marinheiros, |
605 por causa de um homem que não se importa com nenhum
deus nem mortal. Senão temos de considerar que a Fortuna não
só é uma divindade, mas também a força dos deuses uma di-
vindade inferior à Fortuna.

CORIFEU

10 A tenaz há-de estrangular com violência a garganta | do
devorador de hóspedes! Pelo fogo, em breve, as meninas-dos-
615 -olhos perderão a sua luz. Já o tição carbonizado, | um rebento
portentoso de carvalho, se esconde nas cinzas. Adiante, Má-
ron!⁴⁵ Põe-te em acção! Toca a arrancar o olho ao Ciclope
620 ensandecido, para que lhe caia mal a bebida. | Eu, por mim,
quero ver Brómio muito amado, de tirso na mão, enquanto o
Ciclope fica pra i, ao abandono. Conseguirei concretizar este
plano?

ULISSES (*saindo do interior da gruta*)

625 Calem-se, pelos deuses, suas bestas! Quietos! | Bico fecha-
do! Nada de respirar, de piscar os olhos, de tugar nem mugir,
para não acordarmos a peste, se queremos destruir pelo fogo a
vista do Ciclope.

⁴⁴ A expressão idiomática «de pedra e cal» traduz a determinação inflexível dos Sátiros, que no original grego vem contida na afirmação «a nossa determinação será de pedra e aço».

⁴⁵ Invocação do vinho, através da sua personificação na figura de Máron.

CORIFEU

Nós calamo-nos e suspendemos a respiração. |

ULISSES

Agora vamos! Toca a andar lá pra dentro! Agarrem o tição 630
com ambas as mãos, que já está bem quente!

CORIFEU

Porventura não deves tu, antes de mais, indicar-nos quem
são os primeiros a queimar a vista do Ciclope, de estaca em
riste, de maneira a podermos todos participar na festa? |

1.º SEMICORO

Nós, que guardamos a porta, estamos muito longe para 635
atingirmos o olho do Ciclope com o tição.

2.º SEMICORO

E nós, de repente, ficámos coxos.

3.º SEMICORO

Esse mal acaba de me atingir também a mim. Realmente,
por estarmos em pé, atacou-nos os pés, não sei porquê. |

ULISSES

Por estarem em pé, atacou-vos os pés? 640

4.º SEMICORO

E os olhos também! Estão cheios de poeira ou de cinza,
vinda sabe-se lá donde.

ULISSES

Que tipos cobardes! E que falta de solidariedade!

CORIFEU

Porque tenho dó do meu lombo e da minha espinha e não
quero perder os dentes | à pancada, isso é cobardia? Mas eu 645

sei um canto belíssimo de Orfeu, capaz de fazer que o tição sozinho se dirija à cabeça do filho da Terra, de um só olho, para queimá-lo.

ULISSES

650 Antes, eu já conhecia bem a tua laia, | agora, ainda a co-
nheço melhor. Vejo-me, então, obrigado a recorrer aos amigos
que trouxe de casa. Se não tens força nas canetas, ao menos
anima-nos, de maneira a conseguires, sob o efeito dos teus
cânticos de incentivo, inspirar coragem nos meus companhei-
ros.

CORIFEU

É o que vou fazer. A minha pele não vou pô-la em
655 risco!⁴⁶ | Com as minhas exortações a ajudar, o Ciclope cego
vai ficar.

(Entoando o prometido cântico.)

660 Eia, eia! Valentões, em frente! Despachem-se! Queimem o
olho da besta devoradora de hóspedes. Ceguem, queimem | o
pastor do Etna! Põe o tição no torno e tira-o, não te vá ele fa-
zer algum mal!

CICLOPE *(gritando no interior da caverna)*

Ai de mim! Queimaram-me a luz do meu olho!

CORIFEU

Que belo é o péan!⁴⁷ Canta-o em minha honra, Ciclope. |

⁴⁶ No original diz-se que «o perigo que temos de correr delegamo-lo no Cário», ou seja, o Coro nada tem a temer, uma vez que desta forma indica que serão outros a correr os riscos por si. Na verdade, os Cários, naturais da região sudoeste da Ásia, a Cária, serviam os exércitos como mercenários. Como se demonstra no seguimento da peça, a colaboração do Coro no plano de cegar o Ciclope resume-se à exortação, através de cânticos, da actuação de Ulisses e dos seus companheiros.

⁴⁷ Péan, em sentido restrito, corresponde a um cântico entoado em honra de Apolo. Tratava-se frequentemente da celebração de uma vitória.

CICLOPE *(ainda no interior da caverna, vocifera desesperado)*

Que grande desgraça a minha! Que violência! Estou a 665
morrer! Mas vocês não hão-de escapar desta gruta a rir-se, seus
malvados, pois eu vou barrar com os braços a porta.

CORIFEU *(observando o Ciclope, que assoma à entrada da gruta)*

O que é que estás pra i a gritar, Ciclope?

CICLOPE

Estou morto. |

CORIFEU

Tens um aspecto horroroso.

670

CICLOPE

Pior do que isso, meto dó.

CORIFEU

Com a bebedeira, caíste no meio do brasido?

CICLOPE

«Ninguém» matou-me.

CORIFEU

Então «Ninguém» te fez mal.

CICLOPE

«Ninguém» cegou-me.

CORIFEU

Então não estás cego.

ria. A ironia reside em chamar aos gritos lancinantes do Ciclope derrotado um hino à vitória, neste caso dos adversários (Ulisses e os seus companheiros).

CICLOPE

Para ti...

CORIFEU

E como é que «Ninguém» te poderia ter cegado?

CICLOPE

Estás a gozar. Mas onde é que está «Ninguém»?

CORIFEU

675 Em parte nenhuma, | Ciclope.

CICLOPE

O forasteiro — fica bem a sabê-lo — foi ele que me desgraçou, o maldito, quando me encharcou em bebida.

CORIFEU

O vinho é perigoso e difícil de vencer.

CICLOPE (*procurando os Gregos*)

Pelos deuses, eles fugiram ou estão lá dentro? |

CORIFEU

680 Estão caladinhos, encobertos pela sombra do rochedo.

CICLOPE

De que lado?

CORIFEU

À tua direita.

CICLOPE

Onde?

CORIFEU

Junto do próprio rochedo. Estás a tocar-lhes?

CICLOPE (*batendo contra a rocha*)

Um mal nunca vem só: bati com a cabeça e rachei-a.

CORIFEU

E eles fogem-te. |

CICLOPE (*tacteando, desorientado*)

Por aqui não! Por onde é que tu dizes?

685

CORIFEU

Não! Digo por aqui!

CICLOPE

Por onde, então?

CORIFEU

Dá a volta, por ali, para a esquerda.

CICLOPE

Ai de mim, que me gozam! Fazem pouco da minha miséria.

CORIFEU

Ainda não. Mas ele está mesmo à tua frente.

CICLOPE

Ó miserável, onde estás tu, afinal?

ULISSES

Longe de ti, | monto guarda aqui à integridade física de 690
Ulisses (*responde, apontando para o seu próprio corpo*).

CICLOPE

Como dizes? Arranjaste um nome novo.

ULISSES

É aquele que o meu pai me deu, Ulisses. Tu tinhas de pagar pela refeição sacrílega! Realmente teria sido em vão o
695 incêndio de Tróia, | se não te punisse pelo homicídio dos meus
companheiros.

CICLOPE

Ai, ai! O oráculo antigo cumpre-se. De facto ele predisse que eu ficaria cego, pela tua mão, durante o teu regresso de
700 Tróia. Mas também vaticinou que, por este teu crime, | andarias à deriva muito tempo pelo mar.

ULISSES

Chora pra i! Eu estou a fazer aquilo que te digo: vou até à margem do rio e lanço o casco da nau ao mar da Sicília, em direcção à minha pátria.

CICLOPE

705 Nada disso, pois eu hei-de dar cabo de ti | e dos teus marinheiros, à pedrada. Vou subir ao cimo da montanha, mesmo cego, e atravessar a pé esta gruta com duas entradas ⁴⁸.

CORIFEU

Quanto a nós, se bem que agora sejamos marinheiros de Ulisses, no futuro serviremos a Baco.

⁴⁸ Tal como a gruta em que viveu o herói homérico Filoctetes, abandonado pelos Gregos na ilha de Lemnos, também a morada do Ciclope tem duas entradas. Segundo R. Seaford (*Euripides, Cyclops*, 225), com esta referência, Eurípides soluciona um problema cénico. Ou seja, como não pode, diante do público, colocar a personagem a atirar pesadas pedras aos fugitivos, sugere o cumprimento dessa ameaça do lado oposto à entrada da gruta, invisível para o espectador.